Resenhas do mês

A Idade de Ouro – História da busca da felicidade
Georges Minois; tradução de Christiane Fonseca Gradvohl Colas; Editora Unesp; 472 págs. R$ 72

Guerreiro Ramos e a redenção sociológica – Capitalismo e sociologia no Brasil
Edison Bariani Junior; Editora Unesp; 342 págs. R$ 55

Aborto, saúde e cidadania
Wilza Vieira Villela e Regina Maria Barbosa
Editora Unesp; 128 págs. R$ 23

Negociações econômicas internacionais
Luis Fernando Ayerbe e Neusa Maria Pereira Bojikian (orgs.); Editora Unesp; 470 págs. R$ 69

Essa tal felicidade

A história de uma perseguição utópica e cíclica, que tem início em um mito pagão da Grécia Antiga e chega ao século 21 controlada pela mídia a serviço do mercado

Luciana Christante
lchristante@reitoria.unesp.br

Ao mencionar que um de seus colaboradores havia resenhado dois livros sobre felicidade, um editorial da revista *The New Yorker* de 15 de março de 2010 aproveita para destacar a recorrência do tema ao longo da história da publicação, e prepara o leitor: "A inescrutável natureza do assunto parece um campo fértil para escritores e editoras, e uma boa maneira de deixar infelizes os resenhistas – como atesta uma pesquisa em nossos arquivos".

Aqui, quem corre o risco de ficar descontente ou decepcionado com a leitura de *A idade de Ouro – História da busca da felicidade* (Editora Unesp; tradução de Christiane Fonseca Gradvohl Colas) são os que buscam receitas para atingir uma vida feliz ou que podem se sentir ofendidos ou fracassados se forem chamados de infelizes. Para eles, no entanto, as livrarias oferecem uma farta oferta de títulos de autoajuda.

O novo livro do historiador francês Georges Minois, autor de *História do riso e do escárnio* (Editora Unesp, 2003), não tem a pretensão de desvendar a essência da felicidade, do ponto de vista filosófico, psicológico, neurocientífico ou de qualquer outro. Seu objetivo é documentar a perseguição obsessiva (e inútil) dela pelo ser humano desde a Antiguidade.

O ponto de partida do livro é o mito pagão da Idade de Ouro, formulado pela primeira vez pelo poeta grego Hesíodo no século 8 antes de nossa era, que se refere a um período – já inatingível naquela época – em que os gregos teriam vivido num estado de apogeu e glórias perpétuas.

Esse mito foi "reeditado" várias vezes ao longo dos tempos, demonstra Minois. Dele deriva, por exemplo, o paraíso terrestre dos cristãos, materializado na América descoberta pelos europeus no século 16. O Renascimento, aliás, é destacado no livro como um dos períodos em que a felicidade mítica teve seu retorno mais triunfal, justamente porque a possibilidade de ser feliz fora interditada durante quase mil anos pela Igreja medieval.

"O fim das pestes e das grandes fomes, o impulso econômico e monetário, a redescoberta dos tesouros da Antiguidade, tudo isso foi percebido pelas elites como uma transformação radical do contexto e da qualidade de vida, a saída de um longo período de trevas – enfim, como o retorno da Idade de Ouro", escreve o historiador.

Tamanha euforia renascentista abriu caminho para um século 17 pessimista, "dominado pela ideia de cólera divina", que por sua vez impulsionou o retorno do culto à felicidade, agora mais individual que coletiva, no século 18. Tal ideia ganha ainda mais espaço no Século das Luzes (19), quando Montesquieu declara que "o homem é feito para a felicidade".

A "epidemia hedonista" atual é analisada com dureza pelo autor. "Após um século 20 durante o qual o Estado pensou poder garantir a vida feliz dos cidadãos, assistimos de fato a uma interiorização do indivíduo quanto a sua felicidade pessoal. Mas a novidade é que daqui em diante todas as aspirações individuais são recuperadas pela mídia a serviço do mercado de hiperconsumo, e se tornam assim, ao mesmo tempo, apostas de massa", escreve. A finalidade do discurso midiático predominante hoje, segundo ele, "é formar um cidadão feliz o bastante para comprar e convencido que será ainda mais feliz graças a suas compras".

Contra a sociologia enlatada

Pouco lembrado hoje em dia, o sociólogo baiano Guerreiro Ramos (1915-1982) tem sua trajetória pessoal e intelectual resgatada por Edison Bariani Junior, pesquisador da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara, neste livro que é resultado de sua tese de doutorado. Crítico voraz da subserviência a ideias importadas, Ramos polemizou com figuras de vulto da sociologia brasileira, entre elas Florestan Fernandes, e tentou retomar o que acreditava ser a herança da linhagem crítica do pensamento social no Brasil, como o de Euclides da Cunha.

Contra o que denominava "sociologia enlatada" – alienada e distante dos interesses nacionais –, Guerreiro Ramos defendia uma "sociologia em mangas de camisa", que deveria ser usada como instrumento de ação social. Exilado após o golpe de 1964, o sociólogo fez carreira universitária nos Estados Unidos, mas teve forte atuação junto a instituições públicas brasileiras, deixando análises fecundas sobre a formação social do país e o exercício crítico da sociologia. • **LC**

Uma visão pró-aborto

Sempre polêmico, o tema do aborto é tratado de forma objetiva e com base em evidências científicas no último lançamento da coleção "Saúde e Cidadania", da Editora Unesp, de autoria das médicas Wilza Vieira Villela e Regina Maria Barbosa, pesquisadoras da Unifesp e da Unicamp, respectivamente. Em perspectiva histórica, elas mostram que a ausência de consenso sobre o assunto é uma constante em diferentes culturas.

As autoras analisam as leis que tratam da prática em diversos países e concluem que sua proibição, além de ineficaz, gera graves problemas de saúde pública. Outros mitos que gravitam em torno da questão são discutidos na obra, bem como o impacto psicológico do procedimento nas mulheres. A legalização da prática é defendida pelas autoras, como forma de reduzir a insalubridade dos métodos empregados no procedimento em condições ilegais. • **Luiz Gustavo Cristino**

O poder da negociação

Organizada pelos especialistas em Relações Internacionais Luis Fernando Ayerbe, professor do Departamento de Economia da Unesp de Araraquara, e Neusa Maria Pereira Bojikian, da Faculdade Santa Marcelina, esta coletânea de textos de diversos autores traz análises aprofundadas sobre o tema das negociações econômicas no âmbito internacional. Dividida em três partes, a obra aborda inicialmente a negociação em si, as teorias e técnicas relacionadas a essa prática e as variáveis a serem consideradas pelos negociadores. Em seguida, o foco é a diplomacia econômica, com destaque para a articulação política que determina a conciliação entre os interesses de nível doméstico e internacional. A terceira parte trata do panorama das relações internacionais do Brasil, tomando como base seus principais espaços de atuação: América do Sul, Estados Unidos, União Europeia e China. Questões práticas relacionadas a legislação e tratados internacionais, bem como prospecções e variáveis determinantes para o futuro estão presentes no livro, que é uma referência para quem atua nesta área. • **LGC**